

BUDISMO E MÚSICA

Budismo passo a passo





Venerável Mestre Hsing Yun

BUDISMO E MÚSICA

Escrito pelo Venerável Mestre Hsing Yun
Traduzido para português por Eduardo Luís Patriarca



Publicado por

© Fo Guang Shan International Translation Center

Todos os direitos reservados.

CONTEÚDOS

1. Música e Budismo	6
2. Uma História da Música Budista	10
3. As Contribuições da Música Budista	19
4. Modernização da música Budista	25
Atividades da BLIA Portugal	30
Contatos	30
O Ghata da transferência de Mérito	31

BUDISMO E MÚSICA

Venerável Mestre Hsing Yun

1. MÚSICA E BUDISMO

A música dá-nos a capacidade de expressar emoções profundas. Seja através de hinos sagrados ou de cânticos de oração, a música é capaz de elevar a mente a um estado quase sublime. Como tal, tem um significado profundo na promoção da religião. A música tem uma função muito importante e um vasto leque de aplicações nas religiões à volta do mundo. A música é também mencionada ao longo dos textos budistas. No Sutra Amitabha diz-se que os cantos celestiais podem ser ouvidos na Terra Pura, como flores mandarava a choverem suavemente diretamente do céu. Na Terra Pura, ouvimos sempre pássaros a criar música bela e harmoniosa. Animadas pela brisa suave, as árvores de joias movimentam-se tocando acordes melódiosos, como se milhares de melodias suaves fossem executadas em harmonia. Aqueles que estejam presentes e ouçam a canção, refugiam-se naturalmente no Buddha, no Dharma e no Sangha. Desta forma, todos os Budas e bodhisattvas são fluentes no uso da música para o ensinamento do Dharma e para guiar os seres sencientes à Iluminação.

No Budismo, cantar os textos dos sutras e elogiar

as virtudes dos Budas em canções atraiu e purificou as mentes de incontáveis discípulos. No texto Budista “Tratado da Grande Perfeição da Sabedoria”, é dito que “Para que os bodhisattvas purifiquem a terra do Buddha, estes procuram música bonita, desejando que os seres sencientes naquela terra a consigam ouvir e suavizar os seus corações, tornando-se mais fácil transformarem-se. É por isso que a música é dada em oferta a Buddha.” Como complemento à propagação do Dharma, a música budista tem sido frequentemente usada em casamentos, funerais e outras cerimónias similares. Desta forma, a música budista tem um papel fundamental nas práticas culturais comuns.

O Venerável Mestre Taixu¹, disse uma vez: “A música permite às pessoas de uma sociedade comunicar os seus estados de espírito e sentimentos uns aos outros. Se alguém tocar uma melodia, é simples para os que ouvem entender o estado de espírito que o executante pretende transmitir. Para a sociedade atingir harmonia é necessário ser capaz de entender os sentimentos uns dos outros e estabelecer uma sensação de unidade. Esta

1 Venerável Mestre Taixu (太虛) (1890 – 1947) foi um budista modernista, ativista e pensador que defendeu a reforma e renovação do Budismo chinês

é uma das funções mais importantes da música.” A capacidade que a música tem de captar a atenção das pessoas, de as tocar profundamente e de tocar o seu coração, faz dela uma das mais belas formas da expressão humana.

A música budista chinesa utiliza uma grande variedade de instrumentos musicais durante os seus cantos e hinos. Visto que estes instrumentos são usados para propósitos budistas, ganham coletivamente o nome de “Instrumentos do Dharma”. Com exceção do Sino invertido, que é originário da Índia, os instrumentos usados na música tradicional budista chinesa são nativos da China. Instrumentos como o Gongu², Sino Grande (磬, qing), Bombo Grande (鼓, gu), Peixe de Madeira³, Cím-

2 Na tradição da música ocidental, Gongu é similar ao Tam Tam, sendo um normalmente afinado e o outro sem afinação definida. No entanto, na tradição budista este Gongu corresponde a uma singing bowl ou Taça Tibetana, muito grande, usada nos Templos do lado direito do altar, tendo no lado oposto o Peixe de Madeira.

3 Corresponde, na música ocidental ao Temple-Block, instrumento usado frequentemente na percussão da música do século XX e XXI. Usa-se aqui o nome Budista do instrumento, o qual se refere ao formato do instrumento, que parece um peixe com a boca e olhos abertos (hoje há diferentes construções afastando-se do desenho original oriental, mas mantendo a sonoridade do instrumento). É usado como símbolo, precisamente por ao ter os olhos abertos estar sempre desperto,

balos pequenos e grandes⁴ e o Tamborim chinês, pontuam tanto a música budista como a música chinesa tradicional. Na prática moderna, a música budista chinesa é acompanhada por uma variedade de instrumentos orquestrais chineses, pianos, ou orquestras europeias tradicionais. Dos seus humildes inícios, a música budista desenvolveu uma tal proeminência que é frequentemente executada em Templos e Salas de Concerto por todo o mundo. Hoje rivaliza com a majestade das orquestras filarmônicas ocidentais.

representado o esforço de estar alerta na prática do Dharma-
4 Címbalos, conhecidos no ocidente como Pratos, usados frequentemente nas orquestras. Existe um outro instrumento chamado címbalo, que são pequenos pratos suspensos em estacas, e que são afinados, ao contrário dos pratos (Címbalos Antigos).

2. UMA HISTÓRIA DA MÚSICA BUDISTA

Durante a dinastia Maurya (317 – 180 AEC ⁵) na Índia, o poderoso Rei Asoka não poupou esforços para preservar o Budismo e disseminar os seus ensinamentos. Muitos dos desenvolvimentos no campo da música Budista, tal como a inclusão de gongos de cobre ⁶, tambores, flautas, trompas de concha e harpas, surgiram nesse tempo. À medida que o Budismo se expandiu para o Tibete, o canto e a dança também começaram a surgir em determinadas cerimónias. Existe até uma secção do Sangha especializada na execução de música e dança, chamada yueshen (樂神), “espírito da música”, ou xiangshen (香神), “espírito da fragrância”. O Sutra Mahavairocana diz: “Todos os actos de cantar são mantras; cada dança espelha a realidade.” Inspirada por estas palavras, a música budista tibetana floresceu, tendo muitos traços e caracte-

5 Usa-se aqui a designação de Era Comum (EC). AEC, antes da Era Comum, e DEC, depois da Era Comum. Substitui as designações mais usuais, mas pertencentes à tradição Cristã, de AC e DC.

6 Comparar com nota 2. Na tradição chinesa e no Budismo o nome destes instrumentos corresponde tanto às taças como aos Tam Tams.

rísticas específicas que a distinguem. Nas grandes cerimónias do Budismo tibetano, os Lamas podem ser vistos a utilizar todo o género de instrumentos cerimoniais exclusivos e exóticos, tal como tambores específicos⁷, tubos de vento, búzios (Dung Dkar) e trompetes⁸. O intrincado desenho destes instrumentos é agradável de se contemplar.

Quando o Budismo chegou inicialmente à China vindo da Índia, os primeiros esforços de tradução foram orientados para os Sutas. Inicialmente as barreiras linguísticas impediram o uso dos Hinos Budistas em sânscrito na China. Tal como disse o Venerável Mestre Huijiao, do período das Dinastias do Sul (420 - 589 EC): “As melodias sânscritas são elaboradas com muitas notas. As melodias chinesas são mais simples, com menos notas. Se aplicarmos o estilo melódico sânscrito para cantar um texto chinês, o texto irá conter demasiadas notas e o ritmo do canto soará apressado. Se usarmos o estilo melódico chinês para cantar um texto sânscrito, teremos de apressar [o ritmo] através de uma longa secção de texto, enquanto só cantamos algumas notas. Por estas razões, traduzimos os Sutas para chinês e não fizemos uso das me-

7 Tambores tibetanos, Na e Damar

8 Trompa tibetana, Dungchen

lódias sânscritas.” Na ausência de hinos tradicionais os monges adaptaram, mais tarde, canções tradicionais clássicas, juntamente com peças normalmente executadas para a realeza e os seus oficiais na Corte Imperial. Isto permitiu o desenvolvimento de uma tradição única da música budista chinesa. A mais antiga coleção de hinos budistas chineses remonta à Dinastia Wei (220 – 265 E.C.). Cao Zhi, filho do imperador, era reconhecido pelo seu canto e as suas composições. De acordo com a lenda, enquanto passava pelo Monte Yu, na província de Shandong, ouviu uma canção sânscrita que vinha do céu. Tocado pela beleza da canção, escreveu-a e deu-lhe o nome de “Yushan Fanbei”⁹, o primeiro hino budista composto em estilo chinês. Esta canção tornou-se o alicerce da música budista chinesa.

Ao explicar as características da música Budista chinesa, o “Registro dos Grandes Monges” diz, “As canções tradicionais indianas que ensinam o Dharma são chamadas de bei (唄). Canções que cantam os textos dos Sutras são chamadas zhuan-du (轉讀). No seu conjunto, todos estes géneros de canções são chamados fanbei (梵唄).” As suas origens podem ser rastreadas até ao tempo de Bu-

9 Literalmente Canto Espiritual do Monte Yu

ddha. Outro estilo de antigos hinos indianos popularizados naquele tempo foram os Vedas. O estilo de canto budista foi adaptado das artes e matemática indianas, um dos ramos das “cinco ciências” clássicas indianas. Aos hinos budistas compostos neste estilo referimo-nos colectivamente como “canto nobre”.

Durante as Dinastias do Sul e do Norte na China (420 - 589 EC), as contribuições de diversos imperadores influenciaram profundamente o desenvolvimento da música budista. O Imperador Wu da dinastia Liang era um budista devoto. A sua paixão pela música budista motivou-o a escrever várias composições musicais conhecidas, tais como “Grande Alegria”, “O Caminho do Céu”, “Cessação do Mal e da Injustiça” e “Parando a Roda do Sofrimento”. Embora originalmente compostas para fins pedagógicos, foram mais tarde lembradas como composições de qualidade em virtude do seu valor estético. O Imperador Wu também estabeleceu o precedente dos coros infantis budistas, com obras como “Canção Infantil da Alegria do Dharma” e “Fanbei de Crianças”. Em complemento estabeleceu o wuzhe dahui¹⁰, o Festival

10 O Grande Encontro Sem Fronteiras (無遮大會), literalmente Assembleia Aberta, ou Assembleia Sem Restrições.

Ullambana¹¹ e o Serviço de Arrependimento do Imperador Wu. Iniciou igualmente a prática do canto de hinos budistas durante as cerimónias de arrependimento. As contribuições do Imperador Wu foram fundamentais para a junção da música budista com as tradições convencionais.

Algumas das maiores obras de música e oração budistas foram compostas durante o período das dinastias do Sul e do Norte e início da Dinastia Tang. Os monges da Escola da Terra Pura compuseram várias canções de louvor a Buddha que foram suficientemente estimadas para serem compiladas no Canon Budista. Foi durante esse período que o Venerável Huiyuan do Monte Lu iniciou o uso da música para ensinar o Dharma e promover o Budismo.

Recentemente, foi descoberto nas cavernas de Dunhuang, na China, uma grande quantidade de composições da Dinastia Tang. Estas canções são maioritariamente interpretações dos Suttas. Foram categorizadas literalmente como “textos vernáculos”, visto estarem entre as primeiras canções

11 Também conhecido como o Dia do Sangha, o Dia da Felicidade de Buddha, ou o Festival dos Fantasmas Famintos, realiza-se no final do Retiro de Verão, normalmente na 15ª noite do 7º mês lunar.

budistas a adoptar o estilo da canção popular chinesa. Tais composições trazem inovação ao canto¹² e, adicionalmente, estes textos de Dunhuang, apresentam um novo sistema de notação musical. Antes do final da Dinastia Tang, a música budista na China torna-se inteiramente chinesa e atinge uma popularidade sem precedentes.

Mais tarde, durante a Dinastia Yuan, os músicos budistas adaptaram melodias populares retiradas da colecção “Composições do Período das dinastias do Norte e do Sul”. Depois, na Dinastia Ming, mais de trezentas melodias populares e clássicas foram adoptadas por monges compilando-as em cinco rolos conhecidos como “Canções Proclamando os Títulos de Todos os Honoráveis Budhas e Bodhisattvas”. Alguma da música secular mais famosa da altura foi adaptada para obras budistas, como, por exemplo, a peça “Uma Borboleta Enamora-se de Uma Flor”, da Dinastia Song, que

12 Na tradução inglesa “singing and chanting”, dividindo canto e oração cantada. Em português as duas palavras escrevem-se da mesma forma. Existem três fórmulas usadas na maioria das religiões para a declamação dos textos: canto, oração e recitação. Todos têm características melódicas, com definições específicas por cada um. Também o tipo de texto, se Hino ou Sutra por exemplo, podem determinar a fórmula usada.

foi usada na “Canção Espiritual” budista¹³. Melodias tradicionais foram frequentemente usadas pelo bem da promoção do Budismo, e a música budista passou a ser bastante popular entre as pessoas comuns. Mas, a música budista continuava a mostrar falta de originalidade e inovação devido ao conservadorismo.

Após a formação da República da China em 1912, a música budista começou lentamente a perder a sua popularidade entre o público geral. Poucos mosteiros escreveram novas composições. Ainda assim, em 1930, no Seminário Budista de Minnam, os Veneráveis Mestres Taixu e Hongyi compuseram a renomada “Canção da Jóia Tripla”, chamando todos os discípulos budistas a preservar e dar continuidade ao legado da música budista. O Venerável Mestre Taixu sentiu que a música budista era um meio funcional para a introdução do Dharma. Acreditava que, se a música poderia ajudar a espalhar o Dharma, então também traria diversidade e riqueza à educação religiosa. O seu associado, o Venerável Mestre Hongyi, era já um músico realizado e estimado antes de se tor-

13 Esta técnica de adaptação é conhecida na música ocidental como *Contrafactum*, ou música *contrafacta*, exactamente com a mesma função da descrita no texto.

nar monge. Dez das suas composições budistas e pastorais foram casualmente compiladas num álbum intitulado “Colecção Qingliang”. No entanto, naquela altura a maioria das pessoas tinha um acesso limitado à música budista, o que sufocou a sua popularidade.

Em anos recentes, à medida que o uso de hinos e de fanbei se foi espalhando, surgiu uma renovada popularidade da música budista. Comparando com a falta de desenvolvimento por vários séculos, é um sinal muito bem-vindo. Nos anos 1950, com a ajuda de músicos como Yang Yongpu, Li Zhonghe e Wu Juche, muitos monges trabalharam diligentemente na composição de textos para novas canções. Uma colecção das suas composições foi realizada pelo Templo Fo Guang Shan num álbum intitulado “Colecção de Hinos Fo Guang”. Estes esforços inspiraram muitos que desejavam continuar a trabalhar neste campo.

Em 1957 o Coro Juvenil da Associação de Canto Budista de Ilan produziu vários outros álbuns sob a minha supervisão. Juntos, produzimos seis álbuns num total de mais de vinte composições. Foi a primeira vez que um projecto destes foi executado num círculo budista, ainda que muitos

budistas proeminentes não tenham concordado com a sua realização. Independentemente das críticas, sinto que tais projectos foram importantes para a propagação do Budismo, e continuo firme nesta ideia. A minha persistência foi premiada quando em 1979, 1990, 1992 e 1995 o nosso Coro foi convidado para se apresentar no renomado Sun Yat-Sen Memorial Hall e no National Concert Hall de Taipei. Estes concertos, preenchidos com danças coordenadas com canções tradicionais e outra música do Dharma, marcou a primeira vez que hinos budistas foram apresentados numa sala de concertos pública na Tailândia. Adicionalmente, uma apresentação intitulada “Homenagem aos Budas das Dez Direcções: Canções e Danças Budistas” foi realizada como parte do Festival de Artes Tradicionais na cidade de Taipei. Foi a primeira vez que fanbei budistas e hinos modernos foram apresentados juntamente com música ocidental tradicional, música chinesa tradicional e dança. Estes esforços ajudaram a estabelecer o status da música budista na sociedade, e foram recompensados com o reconhecimento em todo o mundo budista.

3. AS CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA BUDISTA

Enquanto algumas canções expressam as verdades dos Sutas, os fanbei budistas também incluem melodias suaves que oram os vários Grandes Budas e bodhisattvas. Estas orações foram originalmente compostas como expressões de fé por discípulos budistas para deixarem um legado da sua devoção na forma de elegantes melodias. Como exemplo temos o “Bhaisajyaguru Gatha”, o “Avalokiesvara Gatha”, declarações de votos budistas e outras orações que ampliaram e enriqueceram a tapeçaria da literatura chinesa. Hinos sagrados foram usados em cerimónias de oferendas e convites à presença de Budas e bodhisattvas. Canções tais como “Oração da oferenda do incenso”, “Oração do incenso para manter os preceitos “ e” Oração pelas ofertas feitas aos seres celestiais” incorporam e apresentam as virtudes do respeito e da piedade religiosa.

Os fanbei budistas compõem um género único entre as tradições da música mundial, caracterizado por um ritmo descontraído e tranquilo, tons suaves e um ar solene e digno. Os próprios fanbei

budistas possuem as cinco qualidades virtuosas de sinceridade, elegância, clareza, profundidade e equanimidade. De acordo com as “Dez Recitações Vinaya”, ouvir fanbei budistas regularmente concede cinco benefícios: redução da fadiga corporal, menos confusão e esquecimento, redução do cansaço mental, voz mais elegante e maior facilidade para falar. O “Registro das Escolas Budistas na Índia e no Sul da Ásia” menciona seis tipos de méritos que podem ser obtidos por meio do canto de fanbei: conhecimento das abundantes virtudes do Buddha, uma compreensão intuitiva do Dharma, uma redução nos hábitos negativos ou prejudiciais de fala e sistema respiratório mais saudável, uma mente livre de medo e ansiedade e saúde melhorada.

Os fanbei budistas desempenham um papel importante na vida diária, nas cerimónias de arrependimento e nas palestras do Dharma. Os praticantes budistas cantam fanbei regularmente ao longo do dia, como o “Mantra de Oferta de Refeição” e o “Mantra de Conclusão de Refeição” para fazer oferendas e transferir méritos a todos os Budas e todos os seres sencientes nos Seis Reinos da Existência. Durante as cerimónias de arrependimento, as orações são cantadas para orientar e en-

sinar os participantes. Antes das palestras sobre os Sutras, recitam-se orações para convidar todos os Budas e bodhisattvas a comparecer ao serviço, criando uma atmosfera digna, reverente e respeitosa. Após a conclusão da cerimônia, a “Dedicação ao Mérito” é cantada para dedicar o mérito gerado pelo serviço a todos os seres sencientes. Com isso, os participantes expressam o desejo de que todos os seres sencientes sejam aliviados do seu sofrimento e encontrem uma felicidade duradoura.

Os fanbei budistas não procuram elevar ou excitar as emoções daqueles que os ouvem ou cantam. O seu objetivo é o oposto: conservar a energia emocional, acalmar os pensamentos, reduzir o desejo e permitir que os praticantes iluminem a mente e vejam a sua verdadeira natureza. O Sutra do Adorno da Flor e o Sutra do Lótus instruem-nos a “conduzir cerimônias e ensinar o Dharma com música” e “cantar o Dharma com um coração alegre”. Podemos, assim, ver que os fanbei desempenham um papel importante no ensino do Dharma às pessoas.

A música fanbei influenciou e contribuiu para os legados culturais de muitos impérios e dinastias chinesas. Antes da dinastia Tang, eram poucos os

artistas do governo que assumiam o trabalho de compilar, editar e distribuir peças musicais populares. No entanto, entre as dinastias Sui e Tang, era possível o comércio entre as regiões oeste e leste da China, permitindo que a música das regiões mais afastadas do oeste e norte chegasse às regiões orientais mais populosas da China. Contudo, as guerras resultaram na perda de muitos clássicos chineses. Estes factores resultaram num período de renovação criativa e da reinvenção de diversos estilos musicais.

No final da dinastia Song do Norte, os artistas locais tomaram conta do desenvolvimento da música popular. Pessoas comuns formaram as suas próprias organizações e até estabeleceram salas de espetáculos oficiais. Como resultado destas actividades, durante as dinastias Tang, Song e Yuan (1277-1367 DEC), os budistas foram capazes de desenvolver e popularizar gradualmente um novo método de ensino do Dharma, que incluía palestras públicas expondo os ensinamentos junto com o canto de fanbei. Este estilo popular de ensino era conhecido como a “técnica de aula de canto”. Aqueles tipos de palestras públicas eram profundamente comoventes e atraíram a atenção

do povo. Documentos contendo relatos históricos desse movimento foram descobertos nas cavernas de Dunhuang. Esses relatos descrevem um sistema de símbolos usados pelos monges séculos atrás para ensinar os devotos a cantar, além de conterem representações de danças cerimoniais solenes, orquestras, oferendas elegantes e a música de seres celestiais. Hoje, esses documentos são considerados peças de valor inestimável da literatura histórica chinesa. São grandes exemplos das contribuições da música budista para a cultura chinesa.

À luz da forma como a música tradicional chinesa e a música budista se misturaram, os templos budistas podem ser considerados centros para a preservação e desenvolvimento de baladas¹⁴ tradicionais. Durante a dinastia Song, um famoso funcionário do governo e estudioso chamado Cheng Mingdao compareceu a uma cerimônia no Templo Guan Yunmen. Quando este viu as grandes formações de instrumentos clássicos e ouviu os sons nítidos de tambores e sinos, ficou tão animado que gritou: “Ah, a música de todas as três dinastias pode ser encontrada aqui!”

14 No contexto musical, balada representa música com temática popular, isto é, usa como temas canções tradicionais.

Na China pré-moderna, aos funcionários do governo requeria-se que tivessem experiência em muitos campos de estudo além da política, sendo um desses campos a música chinesa clássica. Assim, as palavras de Cheng Mingdao têm um peso significativo.

As contribuições da música budista podem ser exemplificadas na lenda de um famoso músico budista. Durante a época do Buddha, havia um bhiksu chamado Pathaka. A sua voz era tão bonita que ele conseguia acalmar as feras. Um dia, o rei Prasenajit liderava um exército para invadir Anga (um pequeno estado na Índia antiga) e ao passarem pelo Mosteiro Jetavana, eles ouviram Pathaka a meio de um cântico. Quando os cavalos ouviram sua voz, ficaram tão fascinados pela sua canção que se recusaram a ir embora. O rei Prasenajit ficou tão comovido com a beleza da música que decidiu abandonar a sua campanha e voltar para casa.

4. MODERNIZAÇÃO DA MÚSICA BUDISTA

Desde que vim para Taiwan em 1949, pensei que seria melhor modernizar as canções usadas para ensinar o Dharma. Como tal, enfatizei a promoção da música budista e defendi a simplificação das letras para torná-las mais compreensíveis, bem como o uso de estilos musicais mais modernos e populares. A minha esperança era que pudessem existir mais canções budistas para atingir o coração das pessoas, e ao mesmo tempo fossem fáceis de tocar e cantar. Como resultado, compus pessoalmente a letra para várias canções budistas e liderei o Coro Juvenil da Associação de Canto Budista Ilan na sua estreia na estação de rádio Minben em 1954. Além disso, fiz questão de institucionalizar o canto das canções modernas de Dharma durante as atividades budistas.

Nessa altura, muitos opuseram-se veementemente a esta ideia, chegando alguns ao ponto de dizer que tais métodos poderiam destruir o budismo. Mas, no fim, estes métodos provaram ser bem sucedidos. O fascínio pela música trouxe muitos para a comunidade budista, transformando-os es-

piritualmente ao proporcionar contacto constante com os ensinamentos. Além disso, tem encorajado muitos jovens talentosos a tornarem-se ativos no budismo. Muitos deles, como os Veneráveis Tzu Hui e Tzu Jung, dedicaram as suas vidas ao budismo e fizeram enormes contribuições. Apesar de ter havido muitos contratempos e obstáculos, insisti na modernização da música budista.

Queria modernizar a música budista para responder às mudanças na sociedade e fornecer melhores métodos para purificar os corações e mentes das pessoas de hoje. A vida na sociedade moderna pode cobrar bastante e ser desgastante. Muitos têm dificuldade em encontrar refúgio espiritual e perdem-se. No entanto, os sons imaculados da música budista fornecem uma maneira de conviver com os estados espirituais mais elevados mencionados nos ensinamentos para enriquecer e voltar a proporcionar energia à mente.

As melodias budistas caracterizam-se como sendo fortes, mas não ferozes; suaves, mas não fracas; puras, mas não áridas; ainda assim, não de forma demorada, capaz de ajudar a purificar as mentes dos ouvintes. Usando a música para ensinar o Dharma e libertar seres sencientes, podemos su-

perar os limites do tempo e da distância, assim como transcender as diferenças entre culturas e nações. A música pode ajudar a promover o Budismo e espalhar a sabedoria e a bondade amorosa dos Budas e bodhisattvas em todos os cantos do globo.

A música budista moderna procura trazer harmonia ao nosso dia-a-dia, purificando, educando e transformando a mente de forma a alinhar as nossas emoções com o Dharma. Os meios de comunicação modernos e a tecnologia de comunicação estão constantemente a melhorar. Devemos usá-los de forma eficiente para trazer a música budista ao maior número possível de pessoas. Precisamos usar a música para ultrapassar as barreiras da cultura, dos costumes e da linguagem. Usando equipamentos como instrumentos populares¹⁵, tecnologia vídeo, órgãos eletrônicos, pianos e outros instrumentos musicais, podemos criar música que se adapte aos gostos e necessidades das pessoas em todo o mundo.

15 Popular no contexto de folclórico, ou seja, da cultura específica onde está enraizado.

Seguem-se cinco princípios orientadores para modernizar e popularizar a música budista:

- A música budista não se deve limitar a templos e monges, mas deve ser executada para todos.
- A música budista deve ser mais do que apenas versos clássicos e orações. Devemos continuar a criar novas canções umas atrás das outras.
- Aqueles que tentam promover o Budismo devem utilizar a música, pois a música pode trazer muitos seres sencientes ao Budismo.
- Budistas devem formar bandas, coros, orquestras, grupos de música clássica, e outros grupos semelhantes para espalhar e ensinar o Dharma através da música.
- Devemos desejar que, a partir neste ponto da história budista, haja cada vez mais músicos budistas tão grandes como o Bodhisattva Asvaghosa e o Venerável Mestre Hongyi.

Além das técnicas e estilos que definem a música budista cerimonial, podemos começar a mistu-

rar o espírito solene das melodias budistas com algumas das qualidades da música contemporânea , levando à modernização da música budista a um nível totalmente novo.

ATIVIDADES DA BLIA PORTUGAL

A BLIA tem uma série de atividades no Templo, para o desenvolvimento pessoal, esclarecimento e estudos sobre Budismo.

- Estudos de Budismo em horário pós-laboral e aos sábados;
- Meditação Ch'an;
- Cerimónia do Chá;
- Aulas de Tai Chi;
- Prática de Caligrafia;
- Cerimónias budistas ao domingo.
- Retiros

Torne-se associado, ajude a prática do budismo em Portugal.

CONTATOS

BLIA – Associação Internacional Buddha's Light de Lisboa
Rua Centieira, nº 35 - 1800-056 Lisboa Portugal

Tel: 218599286

email: ibps.pt@gmail.com

www.facebook.com/bliaportugal

O GHATA DA TRANSFERÊNCIA DE MÉRITO

Que a generosidade, a compaixão,
a alegria e a equanimidade
permeiem todo o universo;

Que valorizem as bênçãos, criem vínculos,
beneficiem o céu e a terra.

Pratiquemos o Chan com pureza,
sigamos os preceitos,
aceitemos tudo com serenidade;

Façamos os Grandes Votos
com humildade e gratidão.



BLIA

**Associação Internacional
Buddha's Light de Lisboa**

Rua Centieira, n° 35

1800-056 Lisboa Portugal

Tel: 218599286

email: geralg2@ibps.pt

www.facebook.com/bliaportugal

